



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 10

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 30 réis. Anuncios, cada linha, 25 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

A TRANSFERENCIA D'UM JUIZ

Tem sido muito discutida nos periodicos a transferencia do sr. Eduardo Martins, juiz n'um dos districtos criminaes do Porto, para a comarca de Portalegre. Os jornaes regeneradores chamavam ao caso patifaria. Mas os jornaes progressistas respondiam que, n'esse caso, eram patifes os regeneradores Hintze Ribeiro e Julio de Vilhena porque tinham votado a transferencia no conselho d'estado. A resposta era logica. De fórma que quem queria ver claro no caso ficava ás escurras, sem saber se era a politica que obrigava os jornaes regeneradores ás suas censuras ou se havia realmente patifaria no fundo da questão.

N'esse estado de duvida estavam nós quando lémos no *Tempo* dois lucidos artigos escriptos pelo sr. Dias Ferreira, que é talvez o unico publicista da monarchia (não lhe chamamos jornalista para não o offender) que escreve com sinceridade e verdade.

Por elle, vemos que não só houve na transferencia d'aquelle juiz uma velhacaria como uma illegalidade.

O sr. Dias Ferreira analysa uma correspondencia de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, correspondencia em que se defende o acto do governo. Digamos de passagem que a defesa feita por este correspondente, que é estúpido, já nos tinha dado um grande empurrão para o lado dos que consideravam perfida e illegal a transferencia do sr. Eduardo Martins. Ainda n'outro dia o tal correspondente, que é um grande bruto—pelo que escreve, que nós não o conhecemos nem sabemos quem seja—affirmava em tom dogmatico que o Transwaal ia levar muita pancada da Inglaterra e que elle nem acreditava que o Transwaal vencesse nos primeiros combates, como se dizia. Tambem se dizia, acrescentava, que os primeiros combates entre a Hespanha e os Estados Unidos foram favoraveis á Hespanha e a Hespanha levou sempre.

E' quanto basta para aquilatar a bruteza do correspondente do *Primeiro de Janeiro*! Bastava o Transwaal ter vencido já a Inglaterra em duas guerras anteriores para que o bruto não podesse concluir com tanta facilidade uma derrota completa e inteira do Transwaal. Bastava reflectir um instante para se concluir que não havia paridade nenhuma entre as condições em que se abriu a guerra da America e as condições em que ia começar a guerra d'Africa. Bastava ter olhos para ver que o Transwaal tem outras vantagens e é um po-

vo d'outra educação militar e de outra previdencia que a Hespanha.

E' bruto e, por isso, andavamos já muito desconfiado de que havia maroteira na transferencia do juiz do Porto.

O sr. Dias Ferreira esclareceu o caso. Primeiramente diz o illustre jurisconsulto que é uma perfeita novidade em Portugal um juiz punido ou castigado por um acto do poder executivo. Que se fizeram algumas proesas d'essas no tempo dos Cabraes mas que a lei não dava, então, as mesmas garantias ao poder judicial, nem as formulas, que asseguram os direitos, eram postas de banda com tanto desprimor. Um ministro a castigar um juiz, ou o poder executivo a castigar o poder judicial, é facto que de certo ninguem percebe n'uma fórma de governo, em que as attribuições dos diferentes poderes politicos estão perfeitamente discriminados.

Accrescenta o sr. Dias Ferreira que o juiz não é irresponsavel, mas que só responde perante os seus pares.

Depois mostra s. ex.ª a illegalidade da constituição do conselho d'estado que julgou o sr. Eduardo Martins. Sendo doze o numero total dos membros do tal conselho não podia este funcionar com menos de sete. E funcionou com quatro!

«A violencia, commenta o *Tempo*, foi perfeitamente caracterizada.»

Mas, como diz o mesmo *Tempo*, a illegalidade não ficou por aqui. «A corporação que devia deliberar sobre a transferencia do juiz não era o conselho d'estado. Era o Supremo Tribunal de Justiça.»

E prova-o o sr. Dias Ferreira com a lei na mão.

Porque foi, então, transferido o sr. Eduardo Martins?

Porque teve o *atrevemento* e a *petulancia* de revogar as sentenças dos policiaes do Porto, que passavam o melhor do seu tempo a suspender os jornaes da opposição n'aquella cidade.»

Porque, continúa o sr. Dias Ferreira, era cunhado do republicano José Caldas que escreve artigos primorosos a favor da Republica e contra os ministros na *Voz Publica*, um dos jornaes que mais vezes foram apprehendidos.

Emfim, o sr. Dias Ferreira completa a obra dizendo que nem conselho d'estado, nem camara de deputados, nem camara dos pares fazem justiça n'este paiz mas só aquillo que lhe mandam. Já sabiamos.

Pois arranjam uma porçãozinha de sujeitos, quem pensem como quem escreve estas linhas, e arranjam-se o remedio para isso tudo n'um instante.

E' n'uma madrugada sem nevoeiro e sem nuvens.

Prende-se o Gomes da Silva n'uma cavallaria, mette-se o *Trenas* n'uma sargeta, fecha-se o idiota do Magalhães Lima n'um quarto escuro, põe-se o nephelobata do Manuel d'Arriaga a prégar aos peixes, qual Santo Antonio da Republica, e faz-se a coisa lindamente, n'um abrir e fechar d'olhos.

Ora arranjam lá umas duzias de ratões na conta!

A roubalheira dos phosphoros

O nosso collega «O Commercio da Guarda» queixa-se, e com justificada razão, contra o monopolio dos phosphoros, que em Portugal attingiu o roubo mais descarado de que ha memoria.

Ouçamos o que diz este nosso collega:

«Não cessa a indignidade de se roubar o publico descaradamente e parece que com a sanção do governo, visto que da parte dos poderes publicos ouvem-se os clamores da imprensa em geral, sem ao menos se dar um unico passo tendente a evitar, quanto possivel, a continuação do roubo!

Chega isto a ser ultrajante.

As caixas de phosphoros de cêra trazem por fóra a indicação de 35 a 40 pavios, mas rara é aquella que traz 31, notando-se que, ainda meta-de d'estes 31 apparecem sem cabeça!

Os phosphoros de exofre, que antes do monopolio se vendiam a 40 réis a duzia de caixas, tambem continuam a andar fugidos da circulação, para o publico se ver obrigado a deixar-se roubar, adquirindo phosphoros de cêra ou amorphos.

Desde que se estabelecer a roubalheira do monopolio, nem uma só caixa de phosphoros de enxofre se viu ainda á venda.

A ladroeira é em toda a linha e com um arrojo só admissivel n'um paiz como o nosso, onde a lei é letra morta e onde os syndicateiros dispõem de tudo á medida das suas ambições.

Não nos cançaremos a pedir providencias contra a infame roubalheira de que o publico está sendo victima, por isso que o governo não quer importar-se com pequenas coisas.

Apenas, mais uma vez, registamos o facto, para edificação das gentes.»

Os culpados, os verdadeiros culpados, não são os governos nem os monopolistas, é o povo que os deixa medrar, consentindo-lhes todas as roubalheiras de que são victimas.

Grande desgraça

Quarta-feira, na Costa de S. Jacintho, quando um dos bareos d'uma das companhias que alli trabalham, a do sr. Manuel da Rocha, vinha para terra uma vaga, ou volta de mar, virou o barco, em que era tripulado por 30 homens, perecendo dois e cinco ficaram gravemente feridos. Um era da Gafanha e o outro da Murtosa. Os restantes poderam-se salvar.

O FIRMININHO

O sr. secretario da camara, o Firmininho, publicou no *Campeão* um grande *alanzoado* a que chamou a sua defeza contra a syndicancia da camara municipal aos actos do mesmo Firmininho.

Francamente, não lémos, nem estamos resolvido, por enquanto, a lêr. Já nos basta lêr o *padre*, o que não é pouco. Firmininho já lá tem a sua conta, que não é pequena. Agora descança uns minutos. E dizemos minutos porque não estamos resolvido, embora s. ex.ª seja muito insignificante, a dar-lhe grande folga.

Não lémos, mas, desde que sahii um elogio ao *alanzoado* no referido *Campeão*, não nos resta duvida nenhuma de que o trabalho do Firmininho é coisa de *alto lá com ella*.

Diz o Firmininho de si proprio:

«O nosso presado collega Firmino de Vilhena, dig.º secretario da camara municipal, tem recebido numerosas cartas de felicitação pela sua brilhantissima defeza, no chamado processo d'uma decantada syndicancia feita aos seus actos na secretaria a seu cargo, e por nós publicada nos trez ultimos n.ºs do *Campeão*. De facto o documento com que o distincto funcionario responde áquella amalgama de coisas... descabidas, é um documento notavel com que esmagou a calumnia.»

E segue. Não terminam aqui os elogios.

Ora ahi tem os nossos leitores de fóra de Aveiro mais um exemplar famoso d'esta terra. Façam collecção, que vale a pena. O padre, os que nós vamos citando nas *Cartas d'Algures*, este, e outros que hão de apparecer, constituem uma famosa galeria de curiosidades.

Ora façam favor de reparar n'este, que é bem bom.

Vejamos.

Firmino, secretario da camara é Firmino fazedor (este é que é jornalista, pertence-lhe o nome) do *Campeão das Provincias*, que se arranja, compõe e imprime em sua propria casa. Portanto, Firmino editor chama a Firmino fazedor *presado collega*. E' verdade que escreveu *presado* com um s. E' uma attenuante.

Firmino editor fazedor e *presado* collega chama, a Firmino secretario, dig.º secretario da camara municipal. E' verdade, tambem aqui, que escreveu dig.º em fórma de sobrescripto de carta, onde se chama anonymamente, dig.º a toda a gente. Sua excellencia achou forte escrever *dig.º* por extenso. Não se pôde dizer que não seja modesto.

Firmino editor fazedor *presado* collega e dig.º acha a sua defeza *brilhantissima*.

Firmino editor fazedor *presado* collega dig.º da brilha-

tissima defeza (está aqui está em Simão Francisco Xavier Gonzaga de Loyola) acha que é um *distincto funcionario*.

Firmino editor fazedor *presado* collega dig.º da brilhantissima defeza *distincto funcionario* affirma que escreveu um *documento notavel*.

E temos o homem completo. Vem a ser o

Firmino Editor Fazedor *Presado* Collega Dig.º da Brilhantissima Defeza *Distincto* Funcionario do Documento Notavel.

E, realmente, elle tem cara de Genio! Comtudo é uma honra para a camara municipal d'Aveiro. Tanta que se os illustres vereadores não fossem tão dig.º, tão brilhantissimos, tão distinctos e tão notaveis como o seu dig.º secretario, alijavam a carga e punham, sem mais nada, o dig.º no olho da rua.

Mas os illustres vereadores, que são os mais illustres que Aveiro tem tido, que possuem todos uma costella de grande homem, continuarão a discutir com o seu dig.º secretario e a aturar-lhes as *impertinencias*, n'uma lucta titanica que ha de ir parar á Torre do Tombo e da Torre do Tombo á historia.

Depois da expulsão dos jesuitas pelo Marquez de Pombal, ainda não houve n'este paiz pendencia tão notavel como esta que a camara municipal de Aveiro empenhou com o seu dig.º secretario.

Mas, d'esta vez, succumbem os grandes estadistas da terra do doutor Moliço, do barão do Carapitalinho e do Bicheza.

Ora vereis.

O dig.º triumphou.

O REVERENDO FERNANDES

REVERENDISSIMO.

Fiquei no ponto em que a vossa reverendissima besta se mettu a falar em darwinismo. E viu toda a gente que padre Fernandes ficou reduzido á bitola de Guerra Junqueiro: a cavalgadura do padre cura.

D'ahi não sabe você, doutor Moliço. Dê-lhe as voltas que quizer; ficará sempre padre cura e sempre cavalgadura.

Assim, você, Fernandes, escreva que eu affirmo ter Moliço negado a origem remotissima do homem quando, diz você, eu (eu, aqui, é a besta) não abordei tal assumpto.

«Affirma que en (ainda aqui eu é elle) neguei ser a antiguidade da terra tão longinqua que nem a nossa imaginação a attinge, o que é egualmente falso.»

Pois, amigo Moliço, não é você que tem razão para protestar: são as cavalgaduras, que você humilha e rebaixa com a sua reles camaradagem. Não era a entidade Fernandes, ao brutamontes, que nós nos dirigiamos. Era a uma outra entidade, bruta tambem em todo o caso, mas genericamente mais decorosa, comtudo, que a individualidade Fernandes. Era

à entidade padre. E não podendo o padre abstrahir, sem deixar de ser padre, das afirmações da Igreja, e dando a Igreja a idade da terra quatro mil annos quando nasceu Jesus Christo, e tendo Deus feito a terra, onde logo surgiu Adão, em seis dias, ou besta Fernandes estava d'accordo com a Igreja e, estando-o, é ultraburro em vir, cheio de chança, dizer altivo, como se me tivera apanhado em falsidade (pobre animalão!) não ter negado a origem remotissima do homem nem da terra, porque, como padre, ha de negal-a fatalmente, ou Fernandes besta não está d'accordo com a Igreja e então é duas vezes ultra, á duas vezes archi-burro em estar a fazer de tambor n'uma questão que, em tal caso, seria desnecessaria e superflua.

Está d'accordo com a Igreja? Então tinha eu razão em dizer: Para que discutil-o, se não ha discussão possível com tal besta? Eu digo-lhe que sim, elle diz-me que não e eis tudo.

Está d'accordo com a Igreja? Então qual foi a minha falsidade? Então para que vem a referencia á idade da terra e á antiguidade do homem?

Não está d'accordo com a Igreja? Então para que veio você, sua besta reverenda, provocar esta questão?

Não ha que vêr: se alguém tem direito a intervir aqui com protestos não as cavalgadas, offendidas por termos incluído o Fernandes na lista das animalidades burras.

Venha o protesto das cavalgadas; venha o protesto dos padres curas, que tem direito, esse, a ser recebido e attendido.

Depois, tem graça que elle só venha allegar falsidades a proposito da idade da terra e da antiguidade do homem, quando eu citei muitos outros pontos de doutrina e muitos factos historicos para mostrar o antagonismo entre a Igreja e a Sciencia. Isto é, veio metter o bedelho, o burro, n'aquillo que mais prova esse antagonismo, que mais demonstra a impostura da religião.

Uma das bases fundamentaes da religião christã é a creação da terra em seis dias, com descanso do Senhor ao sétimo, e a apparição subita de Adão e Eva. A religião não transige n'esse ponto, nem pôde transigrir. E' uma questão de sêr ou não sêr. Ora, está provado que a historia da criação do mundo em seis dias e a do nascimento do bom Adão, um pobre diabo, que foi feito d'um bocado de barro, segundo uns, e de caça de porco, segundo outros; bem como a do nascimento da Eva patuça, que não se sabe tambem ainda ao certo se sahíu d'uma costella se d'um corno do pobre diabo, não havendo duvida de que a figurona, começando por ter relações com o Espirito Santo, o mesmo que mais tarde enganou S. José—um D. Juan terrível que só se contentava com virgens, o mais terrível D. Juan de que reza a historia—acabou por se deixar seduzir pelo Diabo; está provado que essa historieta não passa d'um conto vil da carochinha. Logo, a religião, que a toma por uma das suas bases angulares, é uma burla indigna.

Assim, pois, tudo muda, tudo se modifica. Nada está em repouso na natureza: estremeamento dos atomos, deslocamento dos mundos, tudo é agi-

tação e movimento. O universo inteiro é theatro d'uma gigantesca evolução. O mundo em que nós vivemos obedeceu, como os outros, a essa grande lei (1) e vamos traçar o quadro dos estados successivos por que elle passou.» (Camille Dreyfus—*L'Évolution des Mondes et des Sociétés*—pag. 38.)

Dreyfus traça em seguida magistralmente esse quadro, desenvolvendo as theorias e doutrinas de Copernico, de Descartes, de Newton, de Kant, de Laplace, de Faye e diz de passagem, a pag. 58, que, segundo os calculos de G. Darwin, filho do celebre naturalista inglez, ha cincoenta e quatro milhões de annos, pouco mais ou menos, que a terra e a lua se constituíram em planetas independentes, depois de successivas e morosas evoluções.

Ha cincoenta e quatro milhões de annos! E a redemptora do doutor Moliço a afirmar que foi ha seis mil annos que o Padre Eterno fez a terra, e em seis dias!

«O estado em que as investigações feitas até aqui tem deixado a sciencia, permite incontestavelmente dar á existencia do homem sobre a terra algumas centenas de milhares de annos. E' preciso lembrar que essas investigações são recentes e limitadas a uma pequena extensão geographica. Ainda não se exploraram as regiões que se podem considerar antecipadamente como a primeira habitação do homem. Mas estamos bem longe dos seis mil annos da chronologia biblica.» (Draper—*Les Conflits de la Science et de la Religion*—pag. 143 e 144.)

Resumindo tudo quanto sabemos sobre pre-historica chegamos ás conclusões seguintes:

1.º Durante o periodo terciario existia um sêr bastante intelligente para fazer fogo e fabricar instrumentos de pedra.

2.º Esse sêr não era ainda o homem. (2) Era um precursor, uma forma antecessora, a que eu dei o nome de anthropopiteco. (Pôde-se chamar Moliço, que é mais curto e mais facil de dizer.)

3.º O homem appareceu na Europa no principio do periodo quaternario. Ha, pelo menos, 250:000 a 240:000 annos.» (Gabriel de Mortillet—*Le Préhistorique—Antiquité de l'Homme*—pag. 627 e 628.)

Mortillet desenvolve mais 10 conclusões e termina por estas palavras: «Tas são os principaes dados já adquiridos. Mas a pre-historica é uma sciencia muito nova, que está longe, bem longe, de ter dicto a ultima palavra.»

Por um lado cincoenta e quatro milhões d'annos. Por outro lado duzentos e trinta e duzentos e quarenta mil. Tudo contra os seis dias da Biblia, que não foram precisos mais para o Padre Eterno fazer o mundo com tudo quanto elle contem, ha seis mil annos!

Pois ha intrujice maior? Pois ha

(1) Aqui tens, doutor Moliço, o que se chama theoria da evolução, que não é precisamente o mesmo que transformismo, como transformismo não é precisamente o mesmo que darwinismo.

Como tudo isto é grego para ti, grande bruto!

(2) Era a besta do Fernandes, que é uma regressão atavica.

melhor prova de que o christianismo é um carapetão pegado?

E é essa intrujice, e é esse carapetão que a besta do Fernandes vem lembrar e avivar!

O' homem, você é padre, mas você não faz o signal da cruz.

Você traz o diabo no corpo a compromettel-o!

Mas a besta segue imperturbavel na asneira. Ainda não tinha acabado de dizer essa, que atraz fica referida, e já erguia as patas no ar para arremessar esta parelha:

«Erra, e erra torpemente, (que garoto com tão pouca vergonha!) porque está de má fé, quando attribue ao christianismo, que manda amar os proprios inimigos, os abusos que se tem dado por parte dos seus ministros. Se continúa a confundir por acinte o christianismo com a Igreja, assim como confunde a verdade com a mentira, não espere encontrar indulgencia no juizo do publico, que o lê.»

Não ha que vêr. O Fernandes é um rapaz esperto, que dá lustre e gloria á terra em que nasceu. A burricada d'Aveiro tem razão. E os da Vitalidade, que mandam na camara municipal, precisam de fazer juntar ás armas dos mexilhões uma ferradura em campo raso. Ou, então, deixem estar como estão as insignias locais e substituam só a aguia, que, na verdade, está sendo indigna d'essa terra. Uma aguia como symbolo da terra onde o Fernandes é sabio, o Pompeu darwinista e o Carrapitalinho sportman, não pôde ser. Em logar da aguia ponham a dupla effigie, assim á moda de real em moeda d'ouro ou prata, do Fernandes e do Carrapito, e tem synthetizada admiravelmente toda a gloria e civilização de Aveiro nos tempos que vão correndo, e exprimem fielmente o estado actual da infeliz patria de João de Aveiro e de José Estevão.

Vamos, um carrapito, uma ferradura, a cara do barão sobreposta á cara do Fernandes, e teremos, com os medalhões que já existem por ahi, condignamente representada a que foi gloriosa cidade de Aveiro. Vamos, garotos. Abaixo a estatua de José Estevão, que é um escarneo ao grande orador. Vamos, pulhas; vamos, canalha. Não hesiteis, escoria imunda.

Ah! mas apaguemos este fogo patriótico que começava a aquecer-me. Eu já não amo Aveiro senão como artista. Para os homens, que eu sinto d'uma raça estranha á minha, já não tenho senão frieza ou desprezo. Os homens d'Aveiro, os verdadeiros, morreram. Esses, vejo-os, admira-os na natureza que os creou e que ficou. Os homens de hoje não são d'ahi. Não os conheço, não os sinto.

Apaguemos, apaguemos estes restos de fogo patriótico e voltemos á besta.

A besta não contesta uma só das tremendas acusações feitas por nós ao papado, ao clero, á Igreja. Pelo contrario, accêta-as positivamente quando confessa claro, sem restricções, os abusos dos ministros christãos, e implicitamente quando vae buscar como unica defesa uma supposta separação entre a Igreja e o christianismo, separação que só aquella for-

— Eu usarei o bracelete em vosso logar, se quizerdes, amigo romeiro, disse Wamba.

— O primeiro em honra como em armas, em renome como em jerarchia, disse o peregrino, foi o valoroso Ricardo, rei da Inglaterra.

— Perdô-lhe, disse Cedric, a sua descendencia do duque Guilherme, esse tyranno.

— O conde de Leicester era o segundo, continuou o peregrino; sir Thomaz Multon de Gilsland era o terceiro.

— De origem saxonia esse ultimo, disse Cedric triumphante.

— O quarto, sir Foulk Doilly, proseguia o romeiro.

— Tambem saxão, pelo menos do lado de sua mãe, continuou Cedric, que escutava com extrema attenção e se esquecia em parte do seu odio contra os normandos pen-

midavel cavalgadura seria capaz de imaginar, separação que, mesmo a admittir-se theoreticamente, seria nulla em resultados praticos, por isso que desde que a Igreja fosse uma torpesa, o christianismo estava morto por falta de prestigio e auctoridade.

Uma grande besta. E não quer que os padres de Aveiro critiquem, como elle confessa que criticam, no ultimo artigo da *Vitalidade*, que analysaremos na altura respectiva, o seu procedimento! Pois se elles veem que a besta, o rapaz esperto, não faz senão compromettel-os e enterral-os!...

Diz Chateaubriand, o grande beato, o grande apologista do christianismo, a pag. 178 do 2.º volume do *Genio do Christianismo*, excellente edição portugueza traduzida por Camillo Castello Branco e revista por Augusto Soromenho:

«O Christo, legando suas doutrinas aos discipulos, subiu ao Tabor e desapareceu. Desde esse instante a Igreja subsiste nos apóstolos, e a um tempo se estabelece entre os judeus e os gentios.»

A pag. 182, do mesmo volume:

«Emfim, o titulo de *catholica*, ou universal, teve-o a Igreja desde o seu nascimento. Eusebio, Clemente de Alexandria, e Santo Ignacio, testificam-o. Polemon, o juiz, perguntando ao martyr Pionos, de que Igreja era, o confessor respondeu: *Da Igreja catholica; porque Jesus Christo não sabe de outra.*»

«Temos, pois, esboçado o quadro da jerarchia apostolica: accrescentae-lhe o clero regular, que brevemente será o nosso assumpto, e teréis integralmente a *Igreja de Jesus Christo.*»

O christianismo é a Igreja; a Igreja é o christianismo. Assim o entendia Chateaubriand e assim o entendem todos.

Mas a besta sabe lá quem é Chateaubriand ou leu-o algumas vezes, por nós lho indicarmos. Quer dizer, nós, que não precisavamos de ler Chateaubriand, que trata o christianismo como um theologo e como um poeta, e a theologia e a poesia não se discutem em assumptos de indagação scientifica, lem-o, como temos lido e comprado todos os livros celebres a favor do christianismo, por um exagero de escrupulos, para que a nossa consciencia esteja sempre de bem com as nossas opinões. A besta do padre nem os livros christãos lê e fica-se exclusivamente no Cesar Cantu, que tambem cá temos a encher livraria, mas sem que constitua para nós, nem para ninguem que estuda, elementos de critica historica e muito menos de critica scientifica.

Arre, que é ser besta em excesso! Guizot, que tambem era um bom christão, diz a pag. 50 da sua *Histoire de la Civilisation en Europe*:

«Ao mesmo tempo formava-se no seio da sociedade romana uma sociedade bem diferente, fundada sobre outros principios, animada d'outros sentimentos, e que devia trazer á civilização europeia moderna elementos d'outra natureza: quero falar da *Igreja christã*. Digo Igreja christã e não christianismo. No fim do quarto e no principio do seculo quinto o christianismo não era já simplesmente uma crença individual; era uma instituição;

sando no triumpho commum do rei da Inglaterra e dos seus compatriotas.—E quem foi o quinto? perguntou elle.

— O quinto foi sir Edwin Turnham.

— Um genuino saxão, pela alma d'Hengisto! bradou Cedric.—E o sexto? continuou elle com arrebatamento.—Como era o nome do sexto?

— O sexto, disse o peregrino depois de uma pausa na qual parecera ter-se recolhido, era um moço cavalleiro, de menos renome e nascimento mais humilde, que entrou n'aquella honrosa companhia mais para lhe completar o numero do que para ajudar a sua empresa, —o seu nome não me accode á memoria.

— Sir peregrino, disse sir Brian de Bois-Guilbert desdenhosamente,

tinha-se constituido: tinha o seu governo, um clero, uma hierarchia determinada para as diferentes funções do clero, rendas, meios d'acção independente, os pontos de reunião que podem convir a uma grande sociedade, concilios provinciaes, nacionalles, geraes, o habito de tratar em commum os negocios da sociedade. N'uma palavra, n'essa epocha o christianismo não era só uma religião, era uma Igreja.»

Isto é, Guizot admitte, e bem, dois periodos no christianismo: o periodo de iniciação e propaganda e o periodo de constituição. N'este, o christianismo é a Igreja e a Igreja é o christianismo.

Percebeu a besta do padre? Percebeu a cavalgadura do padre cura? (1) Ora no proximo numero trataremos d'esses dois periodos.

Mas o dicto, dicto. O padre ha de ficar reduzido á massa rala em que o mergulhei no primeiro artigo.

N. B.—No ultimo artigo sahiram alguns erros typographicos, dos quaes o mais importante, porque os outros percebiam-se facilmente, é aquelle em que se disse que a ultima edição franceza, revista por Darwin, da *Origem das Especies*, foi feita sobre a decima sexta edição ingleza, quando se devia lêr sobre a sexta edição ingleza.

(1) O animal é, de facto, padre cura. Esta explicação é para os leitores de fóra de Aveiro.

ROMAGEM

O S. Thomaz de Aquino apanha este anno festa ruidosa.

Hontem á noite teve musica, foguetes, illuminação, etc.

Hoje de tarde tem arraial, musica, fogo e jogo d'argolinha. Tambem não faltará o bom rascante para os amadores refrescarem as guellas resequidas com os ultimos calores. Uma pandega. E viva o S. Thomaz de Aquino.

A' CAMARA

Dizem-nos que o passeio das pyramides, do lado da ponte de S. Gonçalo, está n'um estado deploravel, devido á canalha que abre buracos para a apanha da *sertella*.

Não seria mau que a nossa camara mandasse reparar aquillo e castigar os delinquentes, que assim estragam e damnificam um passeio como aquelle.

VINHOS

Tem descido consideravelmente os preços do vinho novo. Em alguns lagares está-se vendendo a 800 e 850 réis o almude, e ainda assim tem tido pouca procura.

Attribue-se isto á grande porção que ainda existe da ultima colheita e á pouca sahida que tem tido.

esse pretendido esquecimento, depois de vos terdes lembrado de tanta coisa, vem fóra de tempo para vos poder aproveitar. Eu proprio vou dizer o nome do cavalleiro deante do qual me fizeram cahir a fortuna da minha lança e a culpa do meu cavallo—era o cavalleiro de Ivanhoé; e, relativamente á sua idade, nenhum dos seis tinha adquirido maior fama pelas armas. Mas—acrescento, e digo-o em voz alta—se elle estivesse em Inglaterra e ouzasse repetir no proximo torneio o desafio de S. João d'Acre, eu, montado e armado como estou actualmente, dar-lhe-hia todas as vantagens das armas, sem receio do resultado.

— O vosso desafio seria prontamente accêto, replicou o peregrino, se o vosso antagonista aqui estivesse. Mas, como as coisas são

(10) FOLHETIM
IVANHOÉ
ROMANCE POR WALTER SCOTT
CAPITULO V

Digo que n'esse dia cada um d'esses cavalleiros correu por tres vezes e deitou a terra os seus antagonistas. E accrescento que sete dos assaltantes eram cavalleiros do Templo—e sir Brian de Bois-Guilbert sabe muito bem que tudo isto é verdade.
E' impossivel descrever com palavras o amargo sobrececho de raiva que tornou ainda mais negro o semblante bronzeado do templario. No extremo do seu resentimen-

to e confusão, levou a mão tremula ao punho da espada e se não puxou por ella foi só talvez por se lembrar de que não podia alli commetter impunemente um acto de violencia. Cedric, cujo character era dotado de uma perfeita rectidão e simplicidade de sentimentos, e que seguia raras vezes mais de uma ideia ao mesmo tempo, ficou tão alegre e satisfeito com o que ouvira dizer em louvor dos seus patrios que não reparou na furiosa perturbação do seu hospede.—Peregrino, disse elle, dar-te-hei este bracelete d'ouro se me pudeses dizer os nomes d'esses cavalleiros que sustentaram tão valorosamente a gloria da alegre Inglaterra.
— Dir-vol-os-hei com muito prazer, replicou o peregrino, e sem recompensa, porque jurei não tocar em ouro até d'aqui a um certo tempo.

Cartas d'Algures

18 DE OUTUBRO.

Michelet, alma deliciosa de poeta, escreveu um livro adorável *La Femme* (A Mulher). Tem n'esse livro devaneios de poeta. Todos os poetas fogem da verdade, de quando em quando, por amor da arte. Mas que paginas admiráveis de bom conselho, de excellente moralidade, de sã propagação pela família, pela patria, pela humanidade!

Como todos os livros de Michelet, *La Femme* é um primor. Quantos homens o tem lido aqui em Aveiro? Quantos os deram a suas mulheres e a suas filhas para meditar? Quantas d'estas, se alguém lh'o offereceu para ler, teve pachorra para isso, não obstante cada uma d'aquellas paginas ser um trabalho litterario de primeira grandeza?

Homens, algum haverá, sem duvida, que o haja lido. Mas não de ser pouquissimos. Mulheres, não é ousadia afirmar que nunca nenhuma o leu. Nenhuma!

Pois bem ganhavam os moralistas da minha terra em substituir, na familia, a maior parte dos romances, esses venenos subtils, por livros como *La Femme* e outros. Só Michelet dá um contingente regular a uma boa bibliotheca feminina. *La Femme*, (A mulher) *Le Pretre* *La Femme et La Famille* (O Padre, a Mulher e a Familia) *Bible de l'Humanité* (Biblia da Humanidade) são tres livros que todo o moralista, que todo o homem amigo da verdade e da virtude deviam ler á mulher e ás filhas. *La Mer* (O Mar) *L'Oiseau* (A Ave) e *L'Amour* (O Amor) constituem outra trindade admiravel, que completa magnificamente a primeira.

Que elevação d'idéas, que grandeza de pensamentos, que riqueza d'erudição, que brilhantismo de fórma!

Não. Nunca mulher alguma leu um d'esses livros em Aveiro, essas mulheres que devoram dúzias de romances n'um anno. Nunca nenhuma d'ellas recebeu as admiráveis licções de *La Femme*, o que se vê pela sua conducta em todo.

O que mais me impressiona n'essa terra é a educação da menina das classes gradas. Vão logo desde principio destinadas á rainhas, que é a suprema aspiração de quasi todas as mulheres de Aveiro, e principalmente das de melhor tom. Ser rainha, eis o sonho doirado e exclusivo das mulheres d'ahi.

A tendencia para as grandes é de commun a todo o paiz, diga-se de passagem. Em todo o Portugal vae uma febre extraordinaria de fidalguia. Os barbeiros são litteratos, os sapateiros são estadistas, os trolhas são sociologos, as mulheres do povo são senhoras e as senhoras são rainhas. Isto é uma grande verdade, que não deve ter passado despercebida a nenhum espirito observador.

Mas ha peor; os barbeiros são

litteratos, mas os litteratos são barbeiros; os sapateiros são estadistas, mas os estadistas são sapateiros; os trolhas são sociologos, pensadores, jornalistas, mas os jornalistas, os pensadores, os sociologos são trolhas.

Isto é, eu não quero offender os trolhas: os jornalistas são mas é merdeiros. *Salvo seja*, que ha excepções. Mas as excepções que se apressem a arranjar outro nome, que aquella regra é muito geral e muito verdadeira. Eu cá, por mim, toda a vida affirmei que não era jornalista, e, quando m'o chamam, vou á serra.

Merdeiros, não ha termo mais exacto nem mais significativo, e o padre Fernandes de Aveiro, que eu sagrei jornalista, veio acabar de o confirmar, veio tirar as ultimas duvidas.

Uns miseráveis imbecis, que são a causa principal do desvarramento da sociedade portugueza, pela falta de sciencia e de consciencia com que escrevem.

Ora é geral essa chance, essa prosapia, esse pedantismo, essa mania de todos serem grandes personagens. Com a cabeça cheia de palavras ócos, sem nenhum conhecimento da liberdade, da democracia, do socialismo, sem poderem synthetisar as generalidades que apanham a dente, sem educação de bom tom, os pequenos julgam logo á primeira que está feita a sua conquista, os mais graúdos julgam tambem logo á primeira que, pondo lavas amarellas e descrevendo com o braço um angulo recto ao tirar o chapéo, attingiram a elite e eis um povo de macacos commandado por macacos, porque os dirigentes estão na devida proporção, concorrendo com os homens no caminho da liberdade e do progresso. Não de ficar necessariamente para traz, não de ser necessariamente vencidos, repellidos, ridicularizados.

Mas se isso é assim em todo o paiz, em Aveiro é muito peor. Ahi refina-se. Eu nunca vi tanto pedantismo. E o meu proposito não é offender, nem rebaixar, ao dizer isto. E' apenas moralisar. Não os pedantes, que esses não são susceptiveis de moralisação. Mas além de haver em Aveiro muita gente que está d'accordo commigo e que eu posso animar a reagir com alguma energia contra a corrente degradante que ahi vae, alguns mais intelligentes, que se poderiam tornar pedantes, com o tempo, não o chegarão a ser se alguém lhes chamar a sério a attenção para o que ha de inferior, de ridiculo, de contraproducente no pedantismo.

E' por este lado que eu posso prestar alguns serviços á moralidade de Aveiro.

Ahi refina-se. Eu nunca vi, repito, uma coisa assim.

Esse caso, que se conta ahi, da menina de oito annos, que levava atraz o rapazito com farda azul e botões verdes, e que ia olhando sempre para a rectaguarda a vêr se o rapazito conservava rigorosamente a distancia, que a mamã mandava, dando parte á mamã, que tosava o rapazito, sem-

pre que o rapazito alterava a distancia marcada, dá bem a nota do pedantismo de Aveiro. E note-se que esse caso não é isolado. E' geral. As outras familias, mais intelligentes, não chegam a tamanho ridiculo. Mas attentando-se em qualquer menina d'ahi, vê-se logo á primeira vista, pelo ar desdenhoso, pelo corpo hirtto, pelo tom secco da voz, pela gravidade da posição, pela phrase estudada, quanto pedantismo e quanta asneira os paes albergam n'aquelle cerebro e n'aquelle corpo infantil. E qualquer familia abonada, não é preciso subir muito, dá esse caracter á educação das filhas.

E' a suprema aspiração das mulheres a rainhas e a suprema aspiração dos homens a grandes senhores. Ha muita gente em Aveiro que não vae n'essa corrente. Mas, desenganem-se, o fundo da cidade é esse.

Está claro, quem quer ser rei ou rainha sem ter elementos para isso vem a estoirar como a rã da fabula. Pelo menos, estoira de ridiculo.

Como o caso da menina e do rapazito de farda azul e botões verdes, ha muitos identicos em Aveiro. Tambem se conta ahi de um grande pedaço d'asno, que estava sentado ao meio da rua central do jardim, com trajos estafurdios de bicycletista, em dia de concorrência. O grande pedaço d'asno (vá lá pedaço por favor) queria mostrar a belleza do traje. E, realmente, o homem é uma belleza vestido assim! Como queria mostrar a belleza do traje entendeu que não havia melhor sitio que no meio, ou quasi no meio,—a questão geometrica para aqui pouco vale—da rua central do jardim. E a gente que passeava tinha a paciencia—á tal paciencia de corno que abona pouco em favor de quem a tem—de se desviar, de se incomodar, para deixar o grande pedaço d'asno na sua exposição.

Haveria n'outra terra um asno que se atrevesse a tanto? Eu duvido. Mas, se apparecesse, era atirado, com um empurrão, da cadeira abaixo e expulso do jardim se desse troco. Ahi não só aturam a excentricidade pedante d'esse e d'outros, como os afagam, como lhes dão, ainda por cima, logares de representação, etc. Uma ignominia!

Creiam no que lhes digo: em todo o paiz vae uma corrente deploravel de pedantismos e insignificancias, mas como Aveiro não ha nada.

Aqui vivem, defronte de mim, na terra onde escrevo esta carta, umas creanças pertencentes, por seu pae e sua mãe, a duas das mais consideradas e distinctas familias da provincia. Vejo-as todos os dias. E, comparando-as, na sua simplicidade, que é de bom tom, na sua singelleza e liberdade de creanças, a quasi tudo que eu conheço ahi, não posso deixar de tirar da comparação um resultado muito desvantajoso para Aveiro.

«A mulher de coração prosaico, aquella que não é uma poe-

sia viva, uma harmonia para elevar o homem, educar a creança, sanctificar constantemente e enobrecer a familia, faltou á sua missão e não terá nenhuma acção, mesmo n'aquillo que pareça vulgar.

A mãe, assentada junto do berço de sua filha, deve dizer a si propria: «Eu tenho aqui a guerra ou a paz do mundo, aquillo que ha de perturbar os corações ou dar-lhes a paz e a alta harmonia de Deus.

Educar uma rapariga, é educar a propria sociedade. A sociedade procede da familia, cuja harmonia é a mulher. Educar uma rapariga, é uma obra sublime e desinteressada. Porque tu não a crias, ó mãe, senão para que ella te possa deixar fazendo-te sangrar o coração. Ella é destinada a um outro. Ella viverá para os outros, não para ti nem para ella. E' esse caracter relativo que a põe mais alto do que o homem e que faz d'ella uma religião. Ella é o fogo do amor e o fogo do lar. E' o berço do futuro, é a escola, outro berço. N'uma só palavra: *E' o altar.*» (Michelet—*La Femme*—pag. 117 e 118).

Se Michelet resuscitasse e viesse a Aveiro veria que a mulher que se educa aqui, principalmente nas classes dirigentes, não é a harmonia, mas a desarmonia, não é o fogo que aquece, mas o fogo que escalda e devora. Um entesinho cheio de imposturas, de presumpções, arido e secco, avido de gosos e prazeres desde que nasce. E ai d'um povo, que alimenta e cria viborasinhas de tal natureza!

A. B.

O coração de Mãe

N'uma aldeia para os lados de Coimbra, conta a *Soberania do Povo*, vivia uma pobre mulher entrevada, com uma pequenita de quatro annos, sua filha, que mendigava todos os dias o negro pão da infeliz enferma, que a piedade de Deus tinha esquecido. N'um dos dias da semana passada, a creança despenhou-se n'um poço, sendo retirada das aguas já sem vida. A mãe, ao ver o pequenino cadaver enlouqueceu; e agora passa os dias embalando um farrapo entre os braços, como se n'esse farrapo pulsasse ainda o coração de sua pobre filha.

Ditosos os que tem mãe.

Que grande verdade!

PELOS CAMPOS

Com as ultimas chuvas e o bom tempo que se lhe seguiu, os campos apresentam um aspecto animador. As hervagens crescem a olhos vistos. Os nabaes teem tido um desenvolvimento espantoso, esperando-se por isso uma colheita formidavel, rasão porque o nosso lavrador anda satisfeito e cheio de esperança.

pareceu decidir Cedric a romper o silencio.

— Senhora, disse elle, isso não vos pertence. Se fosse necessario um penhor, seria eu, apesar de offendido e offendido com razão, que garantiria pela minha honra a honra de Ivanhoé. Mas o ajuste do combate está em fórma, mesmo pelas regras phantasticas da cavallaria normanda. Não é verdade, padre Aymer?

— Assim é, replicou o prior. A santa reliquia e a valiosa cadeia vão ficar em segurança no thesouro do nosso convento até se decidir este desafio guerreiro.

Tendo dito estas palavras, benzeu-se repetidas vezes, e depois de muitas genuflexões e orações, entregou o relicario ao irmão ambrosio, o seu liege; depois, com menos cerimonia mas talvez com mais in-

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

Creança queimada

Na beira-mar uma creança d'uns pobres pescadores morreu queimada. A mãe deixou a innocente ao lume e foi fazer umas compras. Quando regressou a casa viu a creança estorcer-se n'uma agonia lenta e desesperada. E' que estava toda carbonizada, expirando horas depois.

Sempre o eterno descuido.

Com sua familia, regressou da Costa Nova, o nosso prestimoso amigo, sr. dr. Jayme Duarte Silva.

— Tambem regressou da praia do Pharol com sua familia, o sr. Francisco Regalla.

O estado sanitario de Aveiro continúa a ser excellente.

TEMPO

Melhorou consideravelmente o tempo. Após o grande temporal que se fez sentir nos ultimos dias, temos gosado uns dias primaveris lindissimos.

As noites são um encanto, cheias de luar e poesia. Muitas familias, aproveitando esta maravilha da natureza, veem para a rua espalhar saudades e aborrecimentos.

Em digressão ao estrangeiro, parte por estes dias o nosso patricio, sr. Eduardo Vieira. Boa viagem.

Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

Creança morta por um cachorro

Em casa d'um mineiro, na freguezia de Sobrosa, Paços de Ferreira, havia um cachorrinho de leite que, certamente a procurar ninho, trepou para um berço onde dormia uma creança, e uma vez ahi, cheirando-lhe a leite a boquita da creancinha, agarrou-lhe o narizito começando a sugar como n'uma teta. Quando a mãe da creancita chegou de fóra encontrou no berço a creança morta e o cachorrinho muito farto dormindo ao pé.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

o que são, não perturbemos a paz d'esta sala com bravatas sobre o exito de um combate que, como sabeis, não póde ter lugar. Se Ivanhoé voltar da Palestina eu fico por fiador de que elle se medirá com vosco.

— Bella fiança! disse o cavalleiro templario. E que daes vós em penhor d'ella?

— Este relicario, respondeu o romeiro, tirando do seio um pequeno cofre, e ao mesmo tempo que se persignava, acrescentou:—Este relicario, que contém uma particula da verdadeira cruz e que eu trouxe do mosteiro do Monte Carmelo.

O prior de Jorvaux persignou-se tambem e recitou um padre-nosso, no que todos o acompanharam devotadamente, com excepção do judeu, dos mahometanos, e do templario. Este, sem se descobrir nem

dar signal algum de respeito pela santidade da reliquia, tirou do pescoço uma cadeia d'ouro e atirou-a para cima da meza, dizendo:—Que o prior Aymer guarde o meu penhor juntamente com o d'este vagabundo desconhecido em testemunho de que quando o cavalleiro de Ivanhoé entrar n'um dos quatro mares da Inglaterra, terá de responder ao desafio de Brian de Bois-Guilbert, e se o não fizer, eu inscreverei o seu nome como o de um covarde nas paredes de todas as sedes do Templo na Europa.

— Não será necessario isso, disse lady Rowena, rompendo o silencio que tinha guardado até então. Visto que nenhuma voz se levanta n'esta sala em favor de Ivanhoé ausente, faço eu ouvir a minha. Eu affirmo que elle aceitará lealmente todo e qualquer desafio hon-

roso; e se a minha fraca garantia pudesse accrescentar o valor do inestimavel penhor d'este santo peregrino, eu empenharia o meu nome e a minha honra em abono de que elle se encontrará com este altivo cavalleiro, como é seu desejo.

Uma multidão de sentimentos encontrados pareciam agitar Cedric e tinham-n'o reduzido ao silencio durante esta discussão. O orgulho satisfeito, o resentimento, o embaraço pintavam-se alternadamente sobre a fronte, á semelhança da sombra das nuvens correndo sobre um campo de trigo; enquanto os seus servos, sobre os quaes o nome do sexto cavalleiro parecia ter produzido um effeito quasi electrico, conservavam os olhos voltados para seu amo. Mas depois de ter falado lady Rowena, o som da sua voz

tima satisfação, pegou na cadeia d'ouro e meteu-a n'uma algibeira, forrada de pelle perfumada, que tinha debaixo do braço.—E agora, sir Cedric, disse elle, que a força do vosso bom vinho me faz soar já aos ouvidos o toque de vespas, vamos fazer mais um brinde á saudade de lady Rowena, e permittimos a liberdade de nos retirarmos para irmos descansar.

— Pela cruz de Bromholme, disse o Saxão, não fazeis honra á vossa reputação, sir prior. Dizem que sois um padre jovial, capaz de ouvir tocar matinaes antes de ter deixado a taça, e, velho como estou, estava com receio de me medir com vosco. Mas, por minha fé, no meu tempo um rapaz saxão de doze annos não teria largado tão cedo a sua taça.

(Continúa.)

ARMAZENS
DA
BEIRA-MAR
DE
MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
R. DOS MERCADORES, 1 A 5
AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos VENDAS SO. A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e coróas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.— Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR
DE
MOAGEM DE TRIGO E MILHO
DE
Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, sêmcas e arroz nacional.
Compras de milho, trigo e arroz com casca, tanto por junto como a retalho.

RUA DA ALFANDEGA
AVEIRO

BARRA — PHAROL OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambaia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,— e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:— o genuino vinho de meza, limpido, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

BOM EMPREGO DE CAPITAL QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S. Pedro das Aradas, dirija-se a Manuel Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

ROLÃO PALMA ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO
DE
João Pedro Ferreira
AOS BALCÕES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne
Boa-Vista
AVEIRO

Recommenda-se pelo aseo e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

ATELIER DE ALFAETERIA
DE
Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)
R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
DE
Manuel Rodrigues da Graça
R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Saçavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 80 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)
AVEIRO
SAPATARIA AVEIRENSE
DE
Marques d'Almeida & Irmão
AOS BALCÕES
Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos
José Gonçalves Gamellas
A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares— Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

Aprendiz de typographo ADMITTE-SE n'esta typographia um que saiba bem lêr e escrever. Garante-se-lhe ordenado.

TYPOGRAPHIA
DO
POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO
AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite
RUA DO CAES
AVEIRO